

A volta por cima dos órfãos de Ulysses

■ Eles aprenderam com derrotas para Ibsen e Inocêncio

Depois da CPI do PC, o grupo, que já foi batizado — não por seus integrantes, que recusam qualquer apelido — de “modernizador”, “moralizador” ou de “Novo Congresso”, sonhou eleger o presidente da Câmara. Procuraram o deputado Ulysses Guimarães, comprometendo-se a fazer campanha para ele, desde que houvesse acordo em torno de um programa mínimo de renovação da Casa. “Mas

o senhor tem de mudar suas alianças. A turma do *poire* ferrou com o senhor”, disseram, expondo as condições em que o apoiariam: diminuição do poder do colégio de líderes, maior poder às comissões, medidas duras na comissão de orçamento etc. “Está bem. Com vocês, vou a qualquer lugar”, respondeu Ulysses, entusiasmado com o impacto do *impeachment* de Collor na vida nacional.

A morte de Ulysses, porém, deixou o grupo sem candidato. Ainda houve uma tentativa de trabalhar os nomes de Benito Gama ou Jobim, mas ambos

não reuniam condições nem em seus partidos. Benito teria de enfrentar Inocêncio Oliveira (PFL-PE), àquela altura uma unanimidade dentro do PFL. Jobim foi habilmente bombardeado por Genebaldo e, especialmente, por Ibsen, que pretendia presidir a revisão constitucional e sabia que Jobim na presidência da Câmara seria um obstáculo imenso. “Nosso projeto era de ruptura, mas acabamos triturados”, reconhece Genoíno.

O isolamento provocado por essa derrota, no entanto, durou pouco. O escândalo do Orça-

mento abriu novos horizontes para o grupo. Com o enfraquecimento das lideranças tradicionais e a ameaça de desmoralização do Congresso, eles voltaram a ser ouvidos. Jobim é o relator da revisão, Sigmaringa o coordenador da Subcomissão de Emendas da CPI, Genoíno um dos mais atuantes na comissão que sequer integra, enquanto Miro vem agindo mais nos bastidores. “Todos nós só somos candidatos a continuar deputados. Nossos projetos pessoais se confundem com o Parlamento.”